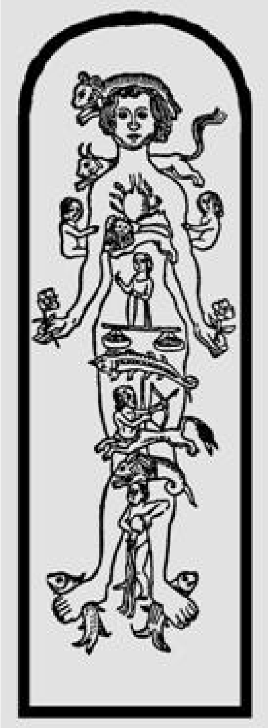
http://dennymarquesani.sites.uol.com.br/semana/12_signos_zodiaco.htm

OS DOZE SIGNOS DO ZODÍACO

OS DOZE SIGNOS DO ZODÍACO

Olavo de Carvalho

Revista *Planeta*, # 61, outubro de 1977



"NASCEMOS NUM DADO MOMENTO, NUM DADO LUGAR, E TEMOS, COMO OS VINHOS CÉLEBRES, AS QUALIDADES DO ANO E DA ESTAÇÃO QUE NOS VIRAM NASCER.

A ASTROLOGIA NÃO PRETENDE IR MAIS LONGE"

– CARL G. JUNG

(L'HOMME À LA RECHERCHE DE SON ÂME).

Você é de Gêmeos? Eu sou Aquário! Esse tipo de conversa, produzido pelos horóscopos populares, revela a crença geral de que o Zodíaco é uma galeria de tipos fixos e que, tendo nascido em determinado mês, cada um de nós "pertence" a desses tipos.

Endossada pelos crédulos, ridicularizada pelos letrados, uma única coisa é certa quanto a essa noção: ela não tem nada a ver com o significado do Zodíaco.

SIMBOLISMO ZODIACAL

Se o Zodíaco é apenas uma descrição de doze tipos de pessoas, por que então os egípcios organizavam seus templos (representações simbólicas do conjunto do saber na época) de acordo com a ordem dos signos? Por que o simbolismo zodiacal aparece com tanta freqüência nos tratados dos alquimistas sobre a transmutação da matéria, assim como nos textos sagrados de todas as religiões? Que vêm fazer esses "doze tipos" nos grandes poemas herméticos com *A Divina Comédia* e o *Fausto*? E terá sido apenas para caracterizar os personagens que Leonardo dispôs os doze apóstolos da *Santa Ceia* segundo a ordem e a descrição física dos doze signos?

Na realidade, se o simbolismo zodiacal comparece sempre que se trata de organizar em imagens uma visão coerente do universo, é porque o Zodíaco não é apenas uma galeria de tipos, mas uma linguagem – provavelmente a mais perfeita jamais concebida – para descrever em sua estrutura e em sua dinâmica essencial o fenômeno da existência humana no universo.

Concebido provavelmente pelos egípcios (embora a maioria dos livros de história se refira a uma ordem babilônica), aperfeiçoado pelos pitagóricos, o simbolismo zodiacal é uma verdadeira *lógica do imaginário*.

ASSOCIAÇÃO DE IMAGENS

Nele, uma poderosa e clara intuição das leis fundamentais da mente humana é o suporte de um método de pensamento – dirigido à criação de sínteses analógicas que abarquem desde detalhes da vida cotidiana até as visões mais abrangentes do universo – onde os mais altos vôos da imaginação não deixam nunca de ter um fundamento concreto, e os detalhes não obscurecem nunca a visão de conjunto. [1]

Em termos muito gerais, as regras desse método, desenvolvidas ao longo do tempo pelos maiores astrólogos e alquimistas – Morin, Kepler, Paracelso, por exemplo – são as seguintes:

Para produzir pensamentos sintéticos, é preciso ter uma grande capacidade de associar imagens. Para que tais imagens não constituam apenas uma gigantesca confusão, é preciso ter um critério único e firme para organizá-las em seguida. Para que o conjunto de imagens produzidas não seja apenas fantasia sem sentido, é preciso que o critério adotado tenha uma correspondência efetiva com alguma experiência constante e fundamental da realidade. Para que, enfim, a síntese obtida não seja apenas uma construção mecânica, é preciso que a experiência que fundamenta o critério seja ela mesma algo de vivo, que envolva os sentimentos mais profundos e verdadeiros do ser humano.

Qual é essa experiência fundamental? Observando a natureza, os antigos perceberam que, durante o período de um ano, ela percorria um ciclo de transformações muito nítidas, marcado por um período de eclosão, de exteriorização, e por um período de recolhimento, de recuo.

O primeiro período se dividia em duas estações: uma de crescimento da vegetação, outra de abundância dos frutos. À primeira chamaram primavera, à segunda verão. A segunda etapa dividia-se em duas estações: uma de queda, outra de escassez: outono e inverno, respectivamente. [2] Essas estações, por sua vez, dividiam-se cada uma em três fases igualmente nítidas, cada uma de mais ou menos um mês de duração: um período de *instauração*, quando as características da estação se tornavam progressivamente mais nítidas; um *ápice*, quando essas características se mostram já instaladas e, por assim dizer, estáticas, e uma de *indefinição*, de mutação para a estação *seguinte*.

AS TRÊS FASES DE CADA ESTAÇÃO

Assim, a vegetação crescia vertiginosamente na primeira fase da primavera, exibia seu máximo esplendor na segunda fase e, na terceira, assistia-se a uma rápida sucessão e multiplicação das folhagens, como se a força vital que havia subido das raízes estivesse chegando às extremidades das plantas, onde se agitava, anunciando a vinda próxima dos frutos e o início de uma nova estação.

A cada um desses períodos, que coincidia ainda com uma volta completa da Lua em torno da Terra, foi atribuído um símbolo que procurava exprimir suas qualidades essenciais: o salto do Carneiro simbolizava a força ascendente do calor na primavera; a força estática do Touro, o esplendor no período intermediário; os Gêmeos, o parto perfeito, a multiplicação das folhagens no fim da primavera, e assim por diante (ver as legendas das ilustrações).

Esses observadores agudos discerniram ainda que esse ciclo não era apenas uma sucessão, mas uma *dialética*, em que as estações simetricamente opostas exibiam características também opostas, mas mediante um *modo* absolutamente igual. Assim, o primeiro mês da primavera (signo de Carneiro) exibia uma força *ascendente*, enquanto o primeiro mês do outono exibia uma força *declinante*. As forças eram opostas, mas também tinham a característica comum de se apresentarem sob forma *ativa*. Já o segundo mês da primavera não mostrava uma riqueza ascendente, ativa, da vegetação, mas uma riqueza *estática*, enquanto o seu oposto, o segundo mês do outono, exibia uma qualidade oposta – a devastação –, mas igualmente sob forma *estática*.

Daí deduziu-se a existência, na natureza, de três *modos de ação* que se sucediam sempre na mesma ordem, mas trocando de sentido: o *cardinal* ou ativo, o *fixo* ou estático, o *mutável*, indefinido ou misto. Tais modo de ação se sucediam nessa ordem, mas mudando de *sentido* cada vez que se apresentavam, numa dialética onde, como no célebre soneto de Camões, não somente as coisas mudam, mas muda sua forma de mudar. Assim, a força cardinal tinha um papel diferente no verão, outro no outono, e assim por diante, e também a fixa.

SIGNIFICADOS DOS CICLOS ANUAIS

Para mudar de sentido, a cada vez, era preciso que essas forças incidissem sobre diferentes *objetos* a cada vez que se apresentassem, e que esses objetos também mudassem, em rotação constante, acompanhando o ritmo das estações. Daí veio a teoria dos quatro elementos: fogo, terra, ar e água, que representam simbolicamente o conjunto dos atos da natureza em cada estação.

Assim, na primavera, a força *cardinal* iniciada sobre o elemento *fogo*, a força *fixa* sobre o elemento *terra*, a força *mutável* sobre o elemento *ar*; começava o verão, e a força cardinal agia sobre o elemento *água*, a fixa sobre o elemento *fogo*, a mutável sobre o elemento *terra*, e assim por diante, em sucessão regular. A diferença de "conteúdo" das estações se explicava pelo elemento que predominava; a semelhança de "estilo", pela incidência do mesmo modo de ação. Ao signo cardinal da primavera (fogo) opunha-se o signo cardinal do outono (ar). A signo fixo da primavera (terra) o signo fixo do outono (água).

Isso não expressava apenas uma rotação mecânica, mas uma visão efetivamente dialética, onde a força cardinal do fogo se *consolidava* no subseqüente signo fixo de terra, se *multiplicava* e transmutava no signo mutável de ar, gerando uma nova força cardinal de natureza diferente (água), e assim por diante, até fechar-se o ciclo com o

último signo mutável de água, que designava, precisamente, o estado de indefinição da época do degelo.

Essa visão do ciclo anual como uma transmutação dramática de forças serviu para os antigos como base de todo raciocínio dialético. De fato, a intuição astrológica fundamental, o *a priori* do raciocínio astrológico, é que esse ciclo anual pode servir de tudo o que tenha uma existência no tempo.

Para fazer isso, era preciso extrapolar o significado dos elementos e modos de ação, de modo que pudessem abranger não apenas os acontecimentos da natureza, mas também os da sociedade e da visa individual ou mesmo os grandes ciclos históricos. Ora, isto também não foi feito de modo puramente mecânico, mas a partir das *vivências* humanas mais importantes de cada época do ano. Assim, por exemplo, o meio do outono (elemento *água*, modo de ação *fixo*) não correspondia somente ao apodrecimento das folhas caídas no chão, mas também a uma série de ocupações comunitárias realizadas ciclicamente nessa época e também associadas à vivência do apodrecimento e da morte: era nessa época que pisavam as uvas e se abatiam os animais. Daí que, quando se tratou de extrapolar o modelo do ciclo para a vida individual e social, essa fase – a oitava do ciclo anual, correspondente ao signo do Escorpião – foi naturalmente usada para simbolizar todos os assuntos referentes à morte, às transformações profundas, às destruições. Do mesmo modo, o primeiro signo da primavera, chamando os homens para fora de seus abrigos e para a retomada das atividades ao ar livre, ficou para sempre associado a todo gesto de coragem, de vontade, de alegria de viver de toda iniciativa, de todo nascimento.

Assim, cada fase de cada estação, isto é, cada signo, abrange inúmeras dimensões da existência: uma série de ocupações e profissões; uma paixão predominante; uma determinada interpretação da existência; um setor da vida social; determinados lugares e animais; determinados órgãos do corpo. Essa associação tem sempre uma correspondência profunda no plano subjetivo. A ligação entre épocas e órgãos do corpo, por exemplo, se faz pela maior ou menor *vivência subjetiva* desses órgãos: os signos do verão, por exemplo, estão ligados ao estômago e ao coração, que nessa época experimentam uma espécie de exaltação vital, e os signos do inverno aos ossos e à coluna espinhal, que no frio, sobretudo para os reumáticos e nervosos, fazem sentir mais agudamente sua existência. [3]

OS ELEMENTOS DA NATUREZA

Algumas associações não são estabelecidas *indutivamente*, a partir da ligação empírica entre uma época e um objeto, mas dedutivamente, a partir da idéia dos *quatro elementos*. Os quatro elementos nem sempre designam a composição *objetiva*, material, das coisas, fenômenos ou situações, mas sempre indicam com grande precisão qual a *ressonância subjetiva* dessas coisas e fenômenos. Não são uma teoria físico-química, mas uma estrutura fundamental da imaginação, do subconsciente, como demonstrou Gaston Bachelard. [4]

O *fogo* corresponde a tudo aquilo que nossa mente percebe como ativo, criador, forte agressivo, masculino, a tudo quanto funde e plasma todo o demais. *Água* corresponde a tudo quanto seja mole, plasmável, feminino, passivo, receptivo. *Terra*, a tudo quanto resiste, persiste, a tudo quanto é material, imutável, duro, consistente, pesado. *Ar*, a tudo quanto é leve, sutil, mental, rápido, a tudo quanto se desloca, salta, liga e intercomunica.

Tudo o que existe pode ser classificado segundo esse esquema, conforme o efeito que tenha em nossa imaginação. Certos animais – o leão por exemplo –,que nos surgem como símbolos de ferocidade e agressividade, pertencem ao elemento *fogo*. Outros, como o jumento, que nos impressionam pela resistência, ao elemento *terra*. Assim também as instituições podem ser classificadas segundo os elementos. Os exércitos e os revolucionários pertencem ao elemento *fogo*; as instituições bancárias, os governos conservadores, ao elemento *terra*; as mães, as instituições de caridade, ao elemento *água*; os jornais, ao *ar*, e assim por diante.

Tudo também pode ser classificado segundo os modos de ação, que especificam o “estilo” pelo qual os elementos se apresentam. A força tipo *fogo*, por exemplo, será cardinal quando ativa e agressiva (um boxeador, um orador revolucionários); fixa quando estabelecida, senhorial, esplendorosa, segura de si (os reis, os chefes militares); mutável quando ao invés de afirmar-se parece recuar para ceder lugar ou transmutar-se numa virtude superior (a autoridade exercida com benevolência, os cardeais da Igreja, os esportes de equipe ode a força de cada um é posta a serviço do espírito de camaradagem).

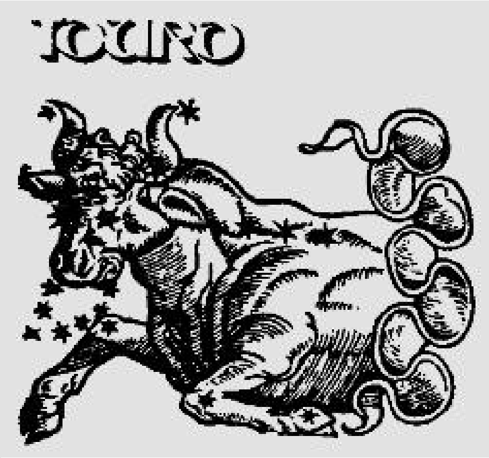
A dinâmica do método é dada não só pela dialética entre modos de ação e elementos, mas também pela sucessão de *eixos* de signos opostos, cada um dos quais representa uma dimensão da existência de cada signo uma maneira oposta e complementar de

vivê-la. Do nascimento (Carneiro) à dissolução final no universo (Peixes), a trajetória individual pode ser descrita inteiramente segundo esse esquema, como o leitor poderá verificar montando os doze signos, pelas legendas das ilustrações, de acordo com os eixos Carneiro-Balança, Touro-Escorpião, Gêmeos-Sagitário, Câncer-Capricórnio, Leão-Aquário e Virgem-Peixes. Os doze signos podem servir ainda como descrição da estrutura fixa da existência individual num determinado momento, dado que cada signo representa um compartimento da existência: Carneiro, ego; Touro, posses; Gêmeos, habilidades mentais, etc. O esquema pode ainda desdobrar-se infinitamente, sem nunca perdermos de vista a organização essencial e inicial. [5] Por isto é que o simbolismo zodiacal representa para a imaginação o que a lógica representa para o pensamento verbal e linear: um princípio de organização e coesão.

Enquadrando todos os movimentos da nossa imaginação num referencial tão básico quanto o ciclo universal de nascimento, crescimento, morte e ressurreição, os signos do Zodíaco são chaves mentais para o indivíduo integrar à sua própria individualidade qualquer conteúdo ou informação do mundo exterior e assim, segundo o conselho de Goethe, dotar sua vida de significação objetiva, atribuindo uma significação vital ao mundo exterior.

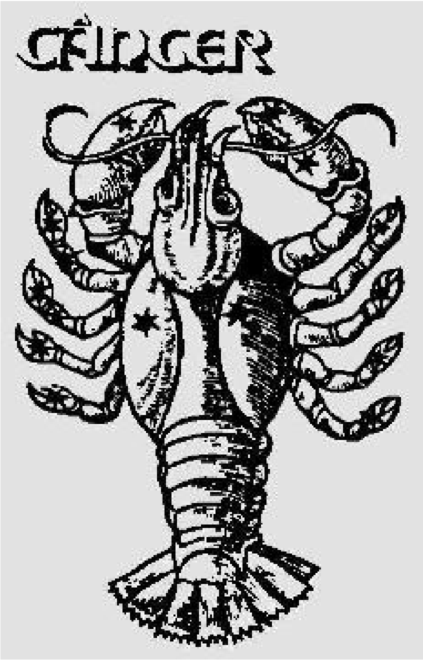
Nesse sentido, fazer astrologia é uma atividade religiosa, já que restabelece a ligação entre nosso inconsciente e a totalidade orgânica do universo. Numa época, como a nossa, marcada pela fragmentação da personalidade, quando os indivíduos carregam como uma excrescência cancerosa a massa de informações lógicas inassimiláveis, sem nenhum significado interior e verdadeiro, com que diariamente são bombardeados, nessa época o Zodíaco é uma arma em defesa da integridade humana, que é o alicerce da racionalidade.

1. ÁRIES. Fogo cardinal. Início da primavera: **corresponde ao calor ascensional, à eclosão da vegetação, à retomada das atividades ao ar livre.** Simboliza **o nascimento, a afirmação individual, a iniciativa, a capacidade de empreender, de agir, de transformar o mundo exterior.** Paixões elementares: **agir, agredir, irromper, avançar, influir.** Figuras sociais: **os líderes, os pioneiros, os soldados, a vanguarda política e intelectual.** Instituições: **Exército, partidos radicais, vanguardas.** Anatomia: **cabeça.**



2. TOURO. Terra, fixo. Meio da primavera: **corresponde ao instante de máximo esplendor da vegetação, à fruição da beleza estática da natureza.** Simboliza **o apego à vida terrestre, a plenitude vital, a riqueza do real, a matéria.** Paixões elementares: **possuir, fluir, segurança, confiabilidade, construtividade.** Figuras sociais: **as propriedades, os bens em geral, a riqueza: tudo o que é permanente, estável.** Instituições: **propriedades agrícolas, grandes fortunas, museus de arte, arquitetura em geral.** Anatomia: **a boca (alimentação), pescoço e ombros.**

3. GÊMEOS. Ar, mutável. Fim da primavera: **multiplicação das folhagens, ramificações, aumento da respiração das plantas.** Simboliza **os contatos e comunicações; a proliferação em geral; a juventude, a graça, a leveza; as habilidades mentais e manuais; o ambiente próximo, irmãos e vizinhos.** Paixões elementares: **falar, conversar, discutir, contactar.** Figuras sociais: **o jornalista, o arauto, o menestrel.** Instituições: **jornais, editoras, escolas elementares; comunicações em geral; desenho e artes gráficas.** Anatomia: **vias respiratórias, circulação linfática.**



4. CÂNCER. Água, cardinal. Começo do verão: **subida da seiva, formação dos frutos no interior das plantas.** Simboliza **toda gestação e maternidade, a origem animal do indivíduo, a mãe, o lar, a natureza, o sentimento, o inconsciente, o lado feminino da personalidade.** Paixões elementares: **proteger, aconchegar.** Figuras sociais: **as mães e donas-de-casa; as massas populares.** Instituições: **obras de caridade; sistema previdenciário; asilos, casas de repouso; o Estado socialista, o** welfare state. Anatomia: **estômago, seios (alimento, aconchego).**

5. LEÃO. Fogo, fixo. Meio do verão: **máxima intensidade do calor solar, riqueza e beleza dos frutos.** Simboliza **todo esplendor, poderio, beleza, glória, a origem tribal do homem: a virilidade, o poder reprodutivo, a soberania da vontade, o poder do mais forte.** Paixões elementares: **aparecer, ser admirado e obedecido; o sentimento da própria nobreza.** Figuras sociais: **o pai, o patriarca, o rei, o chefe, o artista criador, o pensador "ébrio de claridades".** Instituições: **o patriarcado, a monarquia, o teatro, as festas.** Anatomia: **o coração.**

6. VIRGEM. Terra, mutável. Fim do verão: **colheita, estocagem dos cereais. Simboliza o trabalho humilde pelo qual o homem assegura a própria subsistência; a sujeição aos deveres cotidianos, à economia, à minúcia.** Paixões elementares: **submeter-se, cumprir o dever; atenção às minúcias; análise, cuidado, disciplina.** Figuras sociais: **o burocrata, os pesquisadores aplicados, os servidores em geral.** Instituições: **a burocracia, os cartórios, arquivos, repartições; laboratórios de análise e pesquisa.** Anatomia: **intestinos (triagem, seleção e eliminação).**

7. BALANÇA. Ar, cardinal. Começo do outono: **começa o declínio da vegetação.** Simboliza **toda concessão do indivíduo em favor do outro ou do coletivo; as associações, a complementação de um pelo outro, o casamento, a justiça.** Paixões elementares: **ceder, conciliar, equilibrar, estabelecer a justiça, contentar a todos.** Figuras sociais: **os juízes, os pacifistas, os conciliadores, a arte em geral, especialmente a música; toda**

arbitragem. Instituições: **os tribunais, as agremiações pacifistas, os direitos humanos, o casamento, todos os contratos.** Anatomia: **os rins.**

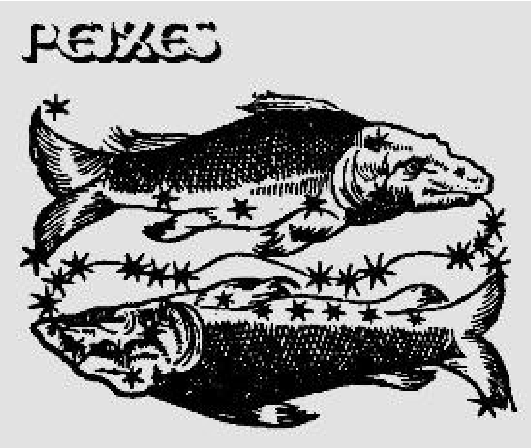
8. ESCORPIÃO. Água, fixo. Meio do outono: **decomposição e fermentação das folhas caídas no chão, devastação da natureza visível.** Simboliza **a morte, as transformações ocultas, a destruição.** Paixões fundamentais: **sadismo, analisar, decompor ("ver o que tem dentro"), reduzir, desmistificar; revolta, aniquilação, angústia, sexualidade, analidade.** Figuras sociais: **os cirurgiões e médicos-legistas; os psicanalistas; a subversão.** Instituições: **a física atômica, os computadores, a cirurgia, os partidos subversivos.** Anatomia: **órgãos sexuais e ânus.**

9. SAGITÁRIO. Fogo, mutável. Fim do outono: **extinção dos últimos traços da vegetação visível; queima das derradeiras folhagens.** Simboliza **a espiritualização da força, a benevolência autoconfiante; a calma soberana, o entusiasmo tranqüilo e saudável, o campo aberto, grandes distâncias, idéias e concepções superiores.** Paixões elementares: **viajar, ampliar os horizontes.** Figuras sociais: **os cardeais, os incentivadores em geral, as equipes esportivas, os líderes morais.** Instituições: **Igreja, escolas superiores, academias,Congresso.** Anatomia: **fígado.**

10. CAPRICÓRNIO. Terra, cardinal. Início do inverno: **frio crescente, a vida vegetal refugiou-se inteiramente no subsolo.** Simboliza **a concentração, a gravidade, o despojamento, a seriedade, a pobreza voluntária, os esforços prolongados, a solidão; o destino social do indivíduo: o**

rigor das regras e a dureza da realidade. Figuras sociais: **a autoridade implacável e fria; os homens ambiciosos e deliberados.** Instituições: **normas sem apelação; os cárceres; os eremitérios; todo local de trabalho duro e sem recompensa; os ditadores.** Anatomia: **os ossos.**

11. AQUÁRIO. Ar, fixo. Meio do inverno: **a vida comunitária recolheu-se para dentro das casas, enquanto embaixo da terra se prepara silenciosamente o ressurgimento da vida vegetal.** Simboliza **a substituição pelas virtudes humanas das virtudes naturais; a espiritualização; a civilização, a ciência, a cultura, o sacrifício integral da vontade à verdade.** Figuras sociais: **os sábios e humanistas; os pedagogos e reformadores; o convívio entre iguais.** Instituições: **a democracia, a liberdade, as organizações supra-nacionais.** Anatomia: **a barriga da perna; medula.**



12. PEIXES. Água, mutável. Fim do inverno: **as águas do degelo realimentam a terra, preparando a nova primavera.** Simboliza **a dissolução do indivíduo no cosmo, toda transcendência, toda união com o universo, a religião em geral, a compaixão, a piedade.** Paixões elementares: **fundir-se, ser uno com o outro, sentir, captar.** Figuras sociais: **os santos, os médiuns, os profetas, mas também as pessoas "difusas": os vigaristas, os bêbados, os loucos.** Instituições: **as religiões mundiais, os hospitais, as instituições de caridade.** Anatomia: **os pés (região mais sensível).**

LIVROS RECOMENDADOS SOBRE O ZODÍACO

Oskar Adler, *La Astrologia Como Ciencia Oculta*, tr. argentina, Kier, Buenos Aires, Kier, 1975. Hadès, *Les Mystères du Zodiaque*, Paris, Albin Michel, 1971. André Barbault, *Del Psicoanálisis a la Astrologia*, tr. argentina, Buenos Aires, Dédalo, 1975; do mesmo autor, *Le Zodiaque*, 12 vols., Paris, Le Seuil, 1956. Charles E. O. Carter, *The Zodiac and the Soul*, Londres, The Theosophical Publishing House, rep. 1972. W. E. Peuckert, *L'Astrologie: son Histoire – ses Doctrines*, tr. Francesa, Paris, Payot, 1965. Armand Barbault, *L'Or du Millème Matin*, Paris, Édtitions Publications Premières, 1969.

---

[1] Não cabe explicar aqui *como* a astrologia produz essa síntese entre o individual e o universal. Interessa assinalar só que essa síntese não pertence ao reino do absurdo, nem ao reino da lógica, mas ao que Leonardo da Vinci denominava *imaginação exata*: o método as arte. Na realidade, o pensamento lógico só existe tendo por base um equilíbrio *prévio* da mente imaginativa. A imaginação dá forma às informações caóticas que recebemos do mundo exterior, e é portanto a *primeira* instância de qualquer elaboração racional.. Por isto é importante que a imaginação seja educada, domada, para não produzir apenas monstros, mas iluminar, como um farol na neblina, as regiões ainda inacessíveis ao pensamento estritamente lógico. Sobre a função integradora da imaginação, ver Susanne K. Langer, *Filosofia em Nova Chave* (tradução brasileira, Perspectiva, 1971, págs. 37-61). Sobre o papel da imaginação na criação científica, Arthur Koestler, *The Act of Creation* (Londres, Hutchinson, 1964).

[2] Todo o referencial astrológico é construído para o hemisfério norte. Por razões estritamente astrológicas, que não cabe aqui explicar, o mesmo referencial é mantido sem alterações para o hemisfério sul.

[3] Não se trata de uma relação objetiva, material, entre épocas e órgãos, mas da vivência subjetiva desses órgãos, em íntima associação com os gestos comunitários rotineiros dessas épocas, Como, entretanto, tais associações subjetivas estão profundamente arraigadas no inconsciente coletivo, e como a vivência subjetiva do corpo é obviamente um fator de saúde ou doença, pode-se perguntar se na prática essa vivência não acaba funcionando como uma relação real, objetiva. Sem querer entrar em detalhes, cabe notar que a somatização de determinados conflitos emocionais e sociais se faz precisamente segundo a relação sócio-somática discernida pelos antigos astrólogos. O signo do Touro, por exemplo, designa, em termos anatômicos, a boca, e, em termos sociais e emocionais, as posses eróticas e matérias, o amor e o dinheiro. Não apenas a psicanálise fala de um instinto oral subjacente ao desejo de afeto e de posses materiais, como também as perdas afetivas e financeiras são freqüentemente somatizadas com sintomas orais, como a alimentação excessiva e a dor de dentes. Do mesmo modo, Escorpião representa anatomicamente o ânus e socialmente a destruição, e a psicanálise associa o comportamento sádico ao instinto anal. Barbault (*Del Psicoanálisis a la Astrologia*) faz um levantamento minucioso dessas correspondências.

[4] Cf. *La Psychanalyse du Feu; L'Eau et les Rêves; L'Air et les Songes; La Terre et les Rêveries de la Volonté;* todos por Gaston Bachelard, Paris, Librairie José Corti. No caso dos elementos, também a associação pode transcender a mera subjetividade, para alçar-se a uma relação objetiva, real. V. Armand Barbault, *L'Or du Millième Matin* (bibliografia).

[5] O mais importante desdobramento é a relação de harmonia entre signos do mesmo elemento e de conflito entre os de mesmo modo de ação: o trabalho (Virgem, mutável de terra) contribui para a riqueza (Touro, fixo de terra), mas a destrutividade (Escorpião, fixo de água) e a leviandade (Gêmeos, mutável de ar) destroem trabalho e riqueza.